

TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO: ESTUDO SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NOS AMBIENTES FORMAIS DE TRABALHO

Beatriz Monico Giorgi (beatrizmonicog@gmail.com)¹

Kelly Taciane da Costa Barbosa (kellytaciane1906@hotmail.com)²

Fabiana Silva Borges (fabianasilbor@gmail.com)³

RESUMO

O estudo pretende analisar o tema Identidade de gênero e o mercado de trabalho na interface da empregabilidade para transexuais. A pesquisa objetiva compreender a relação entre estereótipos e a realidade a partir dos vários graus culturais e sociais na formação dos chamados rótulos e como isso impacta o acesso à carreira e ao emprego formal. Segundo a Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro 95% da população total de indivíduos cadastrados estão na prostituição, apenas 5% estão no mercado formal de trabalho. Esse índice é bem parecido com o fornecido pela ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, segundo a qual 90% das travestis e transexuais estão se prostituindo no Brasil. Busca-se aferir nos ambientes empregatícios de empresas formais imposições para evitar contratações e descrever as principais causas da falta de representatividade das diversidades da identidade de gênero.

Palavras-chave: Mercado de trabalho, identidade de gênero, cultura, administração.

ABSTRACT

The study intends to analyze the topic Gender identity and the labor market in the employability interface for transsexuals. The research aims to understand the relationship between stereotypes and reality from the various cultural and social levels in the formation of so-called labels and how this impacts career access and formal employment. According to the Transvestite and Transsexual Association of the Triângulo Mineiro, 95% of the total population of enrolled individuals are in prostitution, only 5% are in the formal job market. This index is very similar to that provided by ANTRA - National Association of Transsexuals and Transsexuals, according to which 90% of transvestites and transsexuals are prostituting themselves in Brazil. The aim of this study is to verify in the employment environments of formal enterprises impositions to avoid hiring and to describe the main causes of the lack of representativeness of the diversity of gender identity.

Keywords: Labor market, gender identity, culture, administration.

¹ Administradora graduada em 2016 pela Faculdade Talentos Humanos (FACTHUS); Técnica em Informática formada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Experiência em várias áreas do âmbito administrativo, como operacional, comercial, financeiro e fiscal.

² Administradora graduada em 2016 pela Faculdade Talentos Humanos (FACTHUS); Técnica em patologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atua como compradora sênior a 3 anos na empresa Naq Global Química Fertilizantes Ltda, onde permite abranger os conhecimentos auxiliando outros setores do administrativo.

³ Professora universitária formada em magistério e especialista em Gestão Empresarial e Comunicação Social. Professora de diversas disciplinas na FACTHUS. Palestrante, Articulista e Colunista. Apresentou por oito anos o MGMTV Primeira Edição da Rede Integração afiliada Rede Globo e durante quatro anos o DNA da Rede Bandeirantes de Televisão. Co-criadora do Projeto que deu origem à Lei de autorização da TV Câmara, veículo oficial do Legislativo Uberabense. Criadora do Programa para o Ponto de Cultura, do Ministério da Cultura. Vivência em Valores Humanos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende analisar a representatividade dos transexuais no mercado de trabalho. A ideia básica da pesquisa é o aprofundamento do tema para que esse paradigma existente e sua área de atuação profissional sejam quebrados. Dessa maneira, o mercado de trabalho poderá ficar mais acessível e a representatividade dessa parcela da população será maior.

Além de ser “viciada”, a relação entre estereótipos e realidade está ligada, assim, a várias formas de exercício de poder, com graus variados de institucionalização, que impõem ônus e desvantagens materiais e simbólicos aos desviantes. A reprodução dos estereótipos está associada à confirmação e naturalização de padrões valorativos. [...] Os rótulos são, ao mesmo tempo, atalhos cognitivos e efeitos dessas relações de poder. Não se trata, assim, de reduzir os estereótipos a quaisquer categorias facilitadoras. Eles correspondem a rótulos socialmente definidos a partir das possibilidades que têm os diferentes grupos de fazer circular, e mesmo de institucionalizar, discursos que confirmam padrões morais de julgamento. Podem existir, assim, conexões importantes entre a facilitação no acesso à realidade e nas interações sociais, a rotulação e a confirmação de (ou reação a) hierarquias e formas de opressão. (BIROLI, 2011, p 07)

Seguindo a linha de pensamento de Biroli (2011), os rótulos e estereótipos que foram cultivados há várias gerações continuam a julgar as pessoas que não estão de acordo com o padrão estabelecido pela sociedade.

Segundo Richard Miskolci, professor e sociólogo da UFSCAR,

Todos têm essa possibilidade de se relacionar com o mesmo sexo, mas, no processo de socialização, as pessoas podem perdê-la. Desde crianças somos adestrados. Heterossexualidade não é algo natural, hoje sabemos que ela é compulsória. (2013)

A condicionante dos indivíduos à heterossexualidade se resume a heteronormatividade (conjunto de características e normas relacionadas a heterossexualidade) e a cisgeneridade (condição de quem se identifica com o gênero ao qual foi designado ao nascer), aonde qualquer pessoa que venha a manifestar um comportamento contrário a essa condição se depara defronte a discriminações, preconceitos, perseguições que os detêm de ter seus direitos básicos respeitados. Na maioria dos casos, se torna dificultado o direito a educação ao emprego, nosso tema e abordagem de forma intrínseca e

imparcial neste trabalho e até seu direito fundamental a vida, que é ameaçado cotidianamente.

A luta dessa parcela da sociedade que não se encaixa no corpo em que nasceu, tem ganhado espaço nas discussões de diversidade sexual e social, além de conseguir, ainda que pequena, uma visibilidade na mídia. Essas abordagens aos poucos alavanca o senso populacional de nível acadêmico e midiático de que essa minoria merece seu espaço e seu reconhecimento na sua representatividade no mercado, para que o paradigma cruel e sujo que ainda é perpetuado na sociedade atual seja quebrado.

Segundo a Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro (Triângulo Trans), 95% da população total de transexuais estão na prostituição, apenas 5% estão no mercado formal de trabalho. Esse índice é bem parecido com o fornecido pela ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que apurou 90% das travestis e transexuais estão se prostituindo no Brasil.

A escolha do tema da tese foi a análise por parte das pesquisadoras da quase extinta atuação de transexuais no mercado formal. Haja vista que a sociedade patriarcal e machista impôs à mulher, em termos sociais, inferior ao homem, é vista como um objeto sexual, única responsável pela ordem da casa e criação dos filhos, padrão estabelecido nesse conceito sexista, onde pode ser contraposto quando se trata de gênero.

O conceito de gênero existe no meio científico desde meados do século XX, a partir das considerações de John Money (1955) acerca dos papéis construídos socialmente para homens e mulheres, ao que ele apontou gênero como uma categoria que se refere ao conjunto de características que definem diferenças sociais entre homens e mulheres, diferenciando esse conceito do de sexo biológico e evidenciando que, nem sempre, as expectativas sociais relacionadas às pessoas nascidas com determinadas configurações biológicas (femininas ou masculinas) redundará na identificação com certo gênero (homem ou mulher). (JESUS, ALVES, 2013)

Com essa visão antiquada de que a mulher vive para servir o homem, qualquer comportamento que não o agrada era (e continua sendo) julgado pela sociedade. As mulheres que se rebelavam eram chamadas de promíscuas,

“putas”. O termo pejorativo remete a prostituição, na qual o público alvo (em sua maioria mulheres trans) desse estudo está totalmente imerso.

Esse cenário antes imutável, aos poucos se mostra sendo redesenhado por vários personagens representativos, revolucionando com sua presença no mercado. A presença dessas figuras no meio social trouxe consigo a transformação na mente dos indivíduos, em que as pessoas estão “saindo do armário” para assumir quem realmente são e se sujeitando a correr os riscos de discriminação e até mesmo violência física e verbal. Esse empoderamento presente em uma pequena parcela da população é o começo de uma futura revolução na forma de pensar e agir da sociedade, e um pequeno passo para a compreensão de que o diferente também é normal e deve ser tratado como tal.

Portanto, a escolha do tema foi identificada como importante para o movimento na busca a igualdade de direitos e propor soluções que deixem de prejudicar uma parte da população e sejam benéficas a todas as partes.

Além do objetivo geral da tese, o trabalho pretende também analisar e mensurar o preparo das empresas para lidar com o não convencional, saindo dos padrões da heteronormatividade; Ponderar sobre os preceitos de mercado sobre a capacitação ou em nível de exigência que não viabiliza a contratação de um transgênero; Ressaltar a presença esmagadora de transexuais e travestis na prostituição; Instruir quanto aos programas e instituições que disponibilizam meios de reuni-los para tratar de assuntos afins fortalecendo a todos na luta contra esse preconceito.

Os dados fundamentais para o andamento da pesquisa serão obtidos através de entrevistas com de formulários online em grupos fixados na cidade através da ferramenta Facebook, e boca a boca em seus determinados nichos.

A pesquisa tem abordagem bibliográfica e documental, incluindo relatos de vivência do público alvo da tese. Por ser novidade e se tratar de algo desconhecido, tudo o que envolve uma conquista dessa classe se torna notícia destacada nos jornais e revistas, devido à restrição que é tratada e vista pela população. Um assunto que deveras seria normal se fosse o caso de um heterossexual sendo inserido em um dos vários cursos oferecido pelo mercado, enquanto, com a inserção dos transexuais o mundo se mobiliza perante a

situação, até torna tenra a forma de tratar o assunto, mas se restringe somente a isso.

Diante da bibliografia escassa, a principal fonte de pesquisa foram outras monografias, manchetes de jornais, blogs e revistas. Dentre os materiais recolhidos, foi observada uma grande estudiosa chamada Berenice Bento, que contribui bastante para a temática com seus livros e artigos publicados.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE GÊNERO

No início do século XX, os homens se tornaram objeto de atenção de médicos e estudiosos do comportamento humano pelas práticas homoeróticas (erótico e homossexual), na tentativa de explicar e classificar seu comportamento diferente em meio à sociedade.

Para os criminologistas, um indivíduo com esse padrão de anormalidade poderia agravar bastante sua situação perante a justiça devido a sua personalidade duvidosa, sendo internado muitas das vezes em institutos psiquiátricos ou perseguidos pela polícia nas ruas.

O nascimento do movimento homossexual tomou partido por volta dos anos 40. Com o crescimento populacional e expansão urbana, essa perseguição levou com que alguns grupos fossem formados para que pudessem se socializar, delineando um conjunto de características que projetassem uma identidade gay, um padrão daquele tipo de grupo. O movimento oficial LGBT surgiu na década de 60 em Nova Iorque. Em um dos maiores bares da cidade, cujas pessoas frequentadoras eram gays e lésbicas, houve uma batida policial que resultou na prisão e espancamento de várias pessoas.

Esse evento revoltou mais de 2000 pessoas – denominados pela sigla GLS – que foram as ruas da cidade como forma de manifesto no dia 28/06, que mais tarde se tornou o dia oficial do orgulho gay.

As correntes manifestações no bairro e na cidade do ocorrido deram partida

a uma série de protestos em prol dos direitos universais e civis plenos dos cidadãos homossexuais. Entre as conquistas alcançadas, pode-se destacar a descriminalização da homossexualidade e o casamento homoafetivo.

Atualmente, a maioria dos países promove a parada do orgulho gay na busca por visibilidade. A presença desses movimentos no cenário político fazia ruir a outrora bem estabelecida divisão entre a esfera pessoal e a política.

Já no Brasil, o movimento foi organizado através do jornal *Lampião*, de 1979. O primeiro grupo a se rebelar e lutar pelos direitos dos homossexuais foram às ruas de São Paulo em 1980.

Em 1995 é fundada a primeira e maior rede de organizações LGBT brasileiras, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), que reuniu cerca de 200 organizações por entre o país, sendo tornando a maior rede LGBT na América Latina. A ABGLT promove ações no âmbito legislativo e judicial, afim de orientar para acabar com diferentes formas de discriminação e violência contra a população LGBT. Uma das campanhas de sensibilização de parlamentares e da população em favor da aprovação de projetos de lei, como o 1151/95, que reconhece a parceria civil, e o 122/2006, que criminaliza a homofobia.

A partir da fundação da ABGLT, há um processo de multiplicação de redes nacionais, em 2007, havia sete redes ABGLT:

- A Associação Brasileira de Lésbicas (ABL);
- A Liga Brasileira de Lésbicas (LBL);
- A Associação Nacional de Travestis (Antra);
- O Coletivo Nacional de Transexuais (CNT);
- O Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB);
- A Rede Afro LGBT.

Logo após o ano de 1995, o projeto de lei da união civil ou da parceria civil registrada alcançou grande parte da mídia atingindo uma parte da população conservadora culminando num grande debate social nacional, aberto e amplo sobre os direitos LGBT.

Em 2008, durante a I Conferência Nacional GLBT, promovida pelo Governo Federal e envolveu mais de 10 mil pessoas reunidas em Brasília, sendo 1200 delegações nacionais, foi proposto o uso da terminologia LGBT para designar o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil. Após essa decisão, em dezembro do mesmo ano, ocorreu o maior evento

do movimento LGBT do Brasil. O Encontro Brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – EBLGBT também foi favorável ao uso do termo LGBT.

No que tange a identidade de gênero, ou seja, como a pessoa se enxerga e se considera independente do sexo biológico e orientação sexual, podem-se definir alguns conceitos.

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 08)

L (Lésbica): é a mulher que se sente atraída afetiva ou sexualmente apenas por outras mulheres.

G (Gay): é o homem que se sente atraído sexual ou afetivamente apenas por outros homens.

B (Bissexual): é a pessoa que consegue sentir atração por outras pessoas independente de seu gênero. Não há distinções e nem preferências.

T (Travesti): O termo, apesar de ser considerado como pejorativo por grande parte da sociedade, classifica as pessoas que não se identificam com o gênero biológico. Referem-se mais a um terceiro gênero ou até um não gênero, do que propriamente masculino ou feminino. As travestis vivenciam os papéis femininos, mas não se consideram como tal.

T (Transexuais): A transexualidade é oposta a cissexualidade. Compreende os indivíduos que possuem uma identidade de gênero diferente do gênero do nascimento. Infelizmente, essa condição ainda é tratada como doença, sendo preciso o laudo assinado por um médico identificando o transtorno de gênero, e só assim os transexuais conseguem a cirurgia de transição.

Segundo Jesus (2012) “uma mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher, assim como o homem transexual reivindica o reconhecimento social e legal como homem”.

T (Transformistas): São artistas que fazem uso dos traços do gênero oposto ao que se identificam de forma estereotipada e exagerada, com fins

artísticos. Também são chamados de Drag Queens, que utilizam essa condição de se transformar em um gênero a qual não pertencem para diversão e não como identidade.

I (Intersexual): Os intersexuais são comumente chamados de não binários, pela condição de não se identificarem totalmente com um gênero específico. Essas pessoas estão no espectro chamado "área cinza", que transita entre o masculino e o feminino, sem extremismos. Dentro desse espectro há várias outras vertentes, tanto em sexualidade quanto em gênero, mas de forma geral são chamados de andrógenos.

Tendo definidos os conceitos inerentes a cada letra na sigla, é possível então traçar a diferença entre condição sexual e identidade de gênero. A identidade de gênero é uma experiência interna e individual, podendo ou não corresponder ao sexo concebido no nascimento. Compreende a percepção de si mesmo, uma convicção íntima e só cabe a ela decidi-la. Já a condição sexual se refere aos prazeres, desejos e afeto. Portanto, é a capacidade de cada um de se atrair por pessoas, sejam elas do gênero diferente, do mesmo gênero e até mesmo dos dois. Os dois não são interdependentes e nem há condições fixas para que sejam apresentados em determinado grupo de pessoas. Assim como a percepção de gênero é individual, a condição sexual também é.

A REALIDADE DOS TRANSEXUAIS NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO UBERABENSE

O município de Uberaba situa-se na microrregião do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, com latitude sul 19°45'27" e longitude oeste a 47°55'36". Está equidistante, num raio de 500 Km, dos principais centros consumidores do Brasil.

Segundo alguns autores, o topônimo Uberaba origina-se do tupi "Y-beraba" com significado de "águas claras". Dada à importância histórica na data de 02/03/1820, quando a cidade foi elevada à Freguesia, o Município instituiu oficialmente o dia em que se comemora seu aniversário.

No século XX, a cidade demonstra um crescimento da agricultura, da pecuária, da indústria e do comércio, atendendo as demandas nos aspectos econômicos, culturais e de serviços essenciais à população.

Hoje, Uberaba representa um centro comercial dinâmico, uma agricultura produtiva, um parque industrial diversificado e uma planejada estrutura urbana.

Na região está localizado o maior centro mundial de melhoramento genético de raças zebuínas, o maior polo de fertilizantes fosfatados da América Latina e é líder na produção de grãos do Estado de Minas Gerais.

Em termos de qualidade de vida, apresenta índices bastante relevantes para uma boa vivência, com 98% de imóveis atendidos por rede coletora de esgoto, 99,97% das residências são abastecidas de energia elétrica, 1 médico para cada grupo de 233 hab (2015), taxa de longevidade: 73,93 anos (uma das maiores do país) (2010), 140 mil pessoas frequentam salas de aula, 150 instituições de ensino que oferecem da educação infantil até a pós-graduação como também o profissionalizante, dados comprobatórios de uma cidade com qualidade de vida acentuada.

Com uma população estimada de 325.279 habitantes (apurado em 2016), 72,6% da população ocupava-se em trabalhos formais, segundo dados do IBGE em 2010. Essa proporção inclui trabalhadores com carteira de trabalho assinada, trabalhadores domésticos, militares e funcionários públicos estatutários, bem como os empregadores e trabalhadores por conta própria que contribuem para a previdência social. Essa análise foi realizada com a razão entre o número de pessoas com 16 anos ou mais de idade, ocupadas em trabalhos formais e o número de pessoas ocupadas, num determinado período de referência.

A pesquisa do presente trabalho tem como região analisada a cidade de Uberaba. Foi abordado não somente a falta de empregabilidade para o público trans, mas também a falta de representatividade dos mesmos nos bancos da escolas.

Ainda numa pesquisa realizada pelo IBGE, dados comprovaram em 2010 que a taxa de abandono precoce escolar gira em torno de 29,8%, uma

proporção de pessoas de 18 a 24 anos de idade que não haviam concluído o ensino médio e não estavam frequentando a escola. Nessa faixa etária, os jovens geralmente estão em fase de descobertas, lutam por liberdade de expressão e para ser quem eles desejam ser. Além disso, também é um período de decisão de carreira e começo da vida adulta, que não deixa de ser uma pressão enorme para um indivíduo.

Subjuga uma parte da população que está indecisa pelo rumo a seguir e buscam mais autonomia, se preocupando mais com a independência (financeira) e desejando um crescimento profissional rápido, justificando uma ausência notória nas escolas.

Os depoimentos recolhidos são de suma importância para que possa ser obtido um discernimento pleno do cenário local que os transexuais enfrentam todos os dias. O diferente assusta as pessoas, de forma que, por falta de costume ou até de informação, ajam com preconceito diante deles. Pode-se apurar que, dentre os entrevistados, todos realizam atividades remuneradas, e tentaram se inserir no mercado formal em algum momento de suas vidas. Infelizmente, a metade deles não conseguiu se inserir formalmente, mas trabalham de modo não formal. Pode-se perceber também que foi unânime a ausência das mulheres trans no mercado formal, ao contrário dos homens trans, que estão todos inseridos no mercado formal.

Dentre os relatos fornecidos, é perceptível a vontade das pessoas em crescer e buscar reconhecimento, em se qualificar e conquistar um lugar na sociedade por merecimento. Nenhum deles quer permanecer invisível, e estão trabalhando por isso, seja em causas sociais, ou de forma representativa no mercado formal.

CENÁRIO EMPRESARIAL

A cidade de Uberaba está em constante ascensão econômica, sobretudo pelo aumento de empresas atuantes na região nos últimos anos. Hoje a cidade conta com 10.709 empresas atuantes.

O Governo Municipal de Uberaba incentiva a implantação de novos negócios, com políticas públicas modernas e inovadoras, e com benefícios e incentivos diferenciados.

Uma nova área para instalação de empresas de grande porte foi planejada para atender a crescente demanda de novos empreendimentos que vem ocorrendo no Município. (Prefeitura Municipal de Uberaba, 2016)

Os distritos industriais estão em ampla expansão, de forma que se destacam na cidade as atividades industriais e de agricultura, culturalmente tradicional na região. Segundo o anuário Uberaba em Dados, de 2015, disponibilizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Uberaba, as iniciativas públicas, através dos investimentos de empresas maiores, contam com projetos de mini-distritos empresariais dentro da cidade, com o objetivo de gerar empregos, impostos, favorecer a expansão descentralizada da atividade econômica, aproximar a mão de obra do local de trabalho, promovendo a melhoria do trânsito e evitando os custos do transporte. Também visam promover a expansão industrial e promover às micro e pequenas empresas condições de planejamento, criando novas perspectivas de crescimento a médio e longo prazo.

A tabela a seguir mostra o número de pessoas ocupadas de 2007 a 2013 em cada segmento. Abaixo, em dados gráficos, a evolução dos dados.

Pessoas ocupadas por setor 2007-2013							
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Agricultura	4407	4543	4739	4377	5856	4560	4417
Comércio	14591	15354	16892	18160	18501	19973	20343
Indústria	15745	16988	16135	20696	24327	22536	24688
Serviços	33009	34627	34136	36881	39822	40916	43541

Tabela 1 - Número de pessoas ocupadas por segmento de mercado entre 2007 e 2013

Fonte: IBGE/2013.

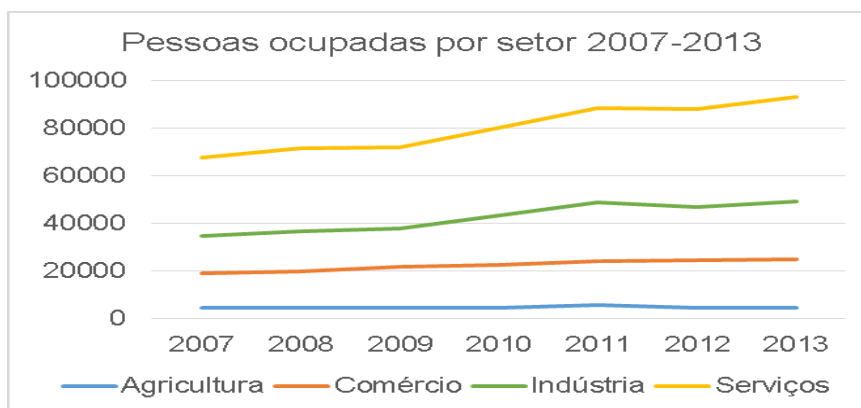


Figura 1 - Gráfico da evolução de pessoas ocupadas por setor 2007-2013

Fonte: IBGE/2013

Sua economia é a 15^o maior IDH-M do Estado de Minas Gerais e 210^o maior IDHM do Brasil (2010), sendo a 7^a maior Economia do Estado de Minas Gerais (2012), e é 7^o maior gerador de empregos formais do Estado de Minas Gerais (2010). Detém o 18^o maior PIB Agropecuário de MG (2013), teve um crescimento do PIB 2012/2013: 15,72% a.a. (IBGE), PIB per capita anual: R\$34.509,00 (2013). Na tabela abaixo é possível visualizar o PIB por segmento de mercado em 2013.

Produto Interno Bruto por setor - 2013

Agropecuária	R\$ 576.238,11
Indústria	R\$ 3.162.960,29
Serviços	R\$ 4.819.885,89
Administração e Serviços Públicos	R\$ 963.586,14
Impostos	R\$ 1.360.236,08

Tabela 2 - Produto Interno Bruto por segmento de mercado em 2013 -

IBGE

Fonte: IBGE/2013.

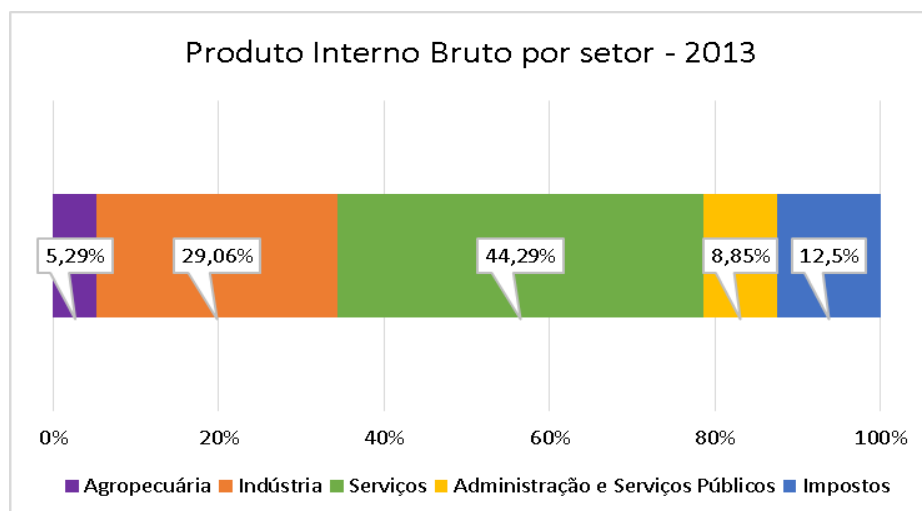


Figura 2 - Gráfico da parcela de mercado de cada segmento em 2013 em Uberaba

Fonte: IBGE/2013

Uma cidade com características fortes voltada ao polo industrial responsável na atualidade por um grande número de contratações de mão de obra, mesmo sendo culturalmente voltada a agropecuária. Um quadro que reflete um padrão empregatício de força voltado para o gênero masculino, uma realidade que

Diminui as oportunidades para o público feminino, inseridos, inclusive, transgêneros, que são sucumbidos por uma sociedade conservadora, caso esse citado em umas das entrevistas.

Os serviços em geral demonstram o mais alto percentual de profissionais atuantes e constante potencial de aumento comparado com os demais seguimentos.

Em níveis comprobatórios em termos de renda e lucratividade, o PIB de 2013 revela um valor de R\$ 4.819.885,89, disparadamente maior que os outros setores, com representatividade de 44,29% no mercado, reforçando sua exímia presença no cenário financeiro da cidade de Uberaba.

Os serviços se enquadram em todos aqueles que não fazem parte das áreas de Indústria, Comércio e Agropecuária, com maior diversidade de pessoas em âmbito empresarial.

Cerca de 52 empresas, que correspondem à 5% das atuantes em Uberaba, responderam um questionário que diz respeito a contratação de

transexuais (anexo 2). Os dados foram coletados e tabulados para que a análise possa ser realizada.

AS ORGANIZAÇÕES DE DEFESA DOS TRANSEXUAIS

Mediante ao cenário deturbado da real falta de representatividade do público Trans em meio ao mercado formal, organizações instruem e divulgam em sites comunicados, estudos, informativos que lutam contra a diversidade e desigualdade social, na tentativa de amenizar o impacto do diferente no meio social.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), organismo integrado na Organização das Nações Unidas (ONU) que foi criado em 1946, com a finalidade de promover à paz mundial através da cultura, educação, comunicação, as ciências naturais e as ciências sociais, objetiva em seus princípios globalizar a educação, fomentar a paz, promover a livre circulação de informação entre os países e a liberdade de imprensa; definir e proteger o Patrimônio da Humanidade Cultural ou Natural (conceito estabelecido em 1972 e que entrou em vigor em 1975); e defender a expressão das identidades culturais. As questões às quais se dá prioridade são a educação, o desenvolvimento, a urbanização, a juventude, a população, os direitos humanos, a igualdade da mulher, a democracia e a paz.

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Na pesquisa feita através do questionário, para que pudessem ser obtidas informações sobre as empresas quanto a contratação de transexuais, foram abordadas 52 empresas. Dessas empresas, resultaram em um total de 9.281 trabalhadores ativos, no qual apenas 15 trabalhadores são trans e estão inseridos no mercado formal de trabalho.

Esse quantitativo representa apenas 0,16% dessa pesquisa, abrindo um leque de respostas envolto de critérios empregatícios conservadores e inibidores na tentativa de fuga de um preconceito enraizado. Por um lado temos os transexuais, que lutam e se esforçam para conseguir um lugar no mercado formal de trabalho e em contrapartida, mais da metade das empresas questionadas dizem que não há procura.

Qual é o posicionamento da empresa sobre as contratações de transexuais?

(52 respostas)

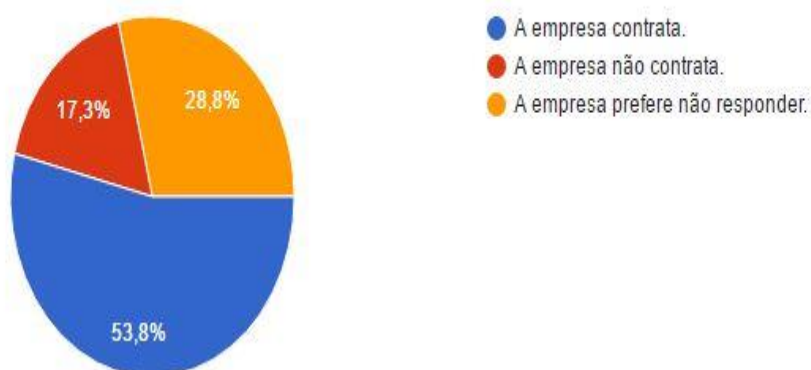


GRÁFICO 1 – Posicionamento das empresas quanto à contratação trans

Fonte: Pesquisa

Sobre o posicionamento da empresa quanto a contratação de transexuais, apenas 17,3% admitiram que não contratam. 28,8% preferiram se abster da resposta, enquanto 53,8% afirmaram que a empresa contrata.

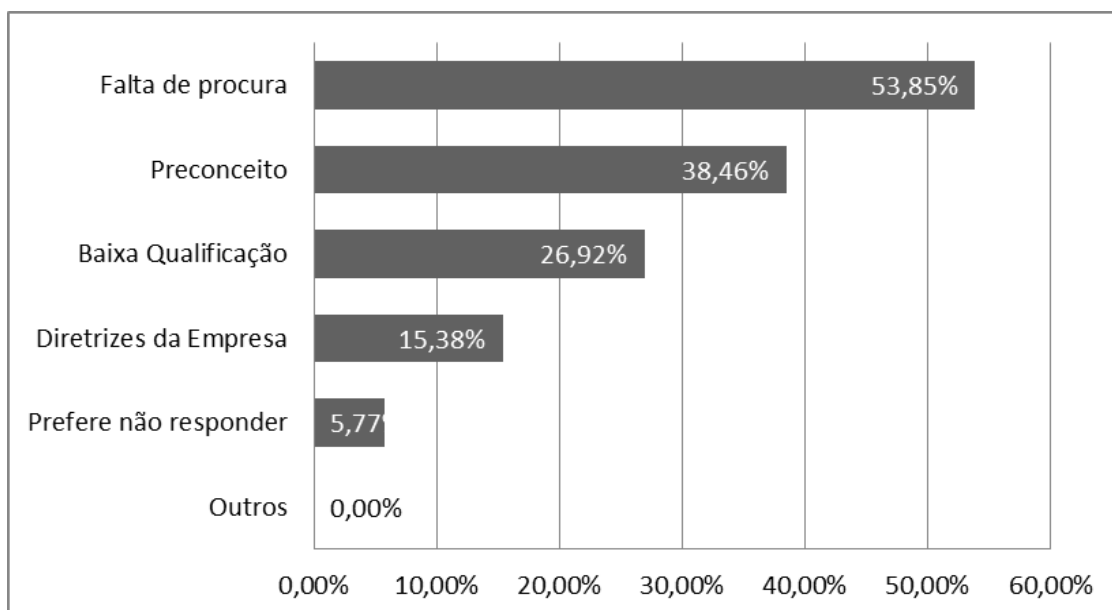


GRÁFICO 2 - Critérios Empregatícios x Contratação Trans

Fonte: Pesquisa

Como justificativa mais condizente com a baixa representatividade de transexuais no mercado formal de trabalho, 53,85% das empresas disseram que era a falta de procura. Logo após da justificativa julgada mais condizente, há 38,46% das empresas que acreditam que pode-se atribuir essa questão ao preconceito na sociedade. Já 26,92% dizem que o motivo é a baixa qualificação, 15,38% creem que são diretrizes da empresa que bloqueiam a contratação desses indivíduos. Apenas 5,77% preferiram não responder a questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pioneiro e inédito, o trabalho de conclusão de curso “Transexualidade e mercado de trabalho: Um estudo sobre a empregabilidade em Uberaba (MG), contratação nas empresas e a identidade de gênero” traz à tona informações exclusivas sobre o posicionamento das organizações formais no citado município e os comportamentos apresentados por indivíduos trans. Um fatídico cenário empresarial que está abarrotado de profissionais de gêneros diversos, porém, com a ausência notória de pessoas que se identificam

como trans. Buscam-se, através dos indícios da baixa representatividade de uma minoria da população, os motivos determinantes dessa situação. As questões acerca do perfil profissional dos LGBTI são pouco faladas, e quando são citadas, apenas se detém à condição de vida do indivíduo voltada diretamente à orientação sexual. Acreditava-se antes da pesquisa, que a sociedade patriarcal apresentava preconceito diante da ideologia de gênero. Depois de concluída a pesquisa, apenas foi confirmada a falta de conhecimento e falta de vontade de se discutir gêneros, em seus variados âmbitos, especialmente o profissional. A pesquisa segue primeiramente com uma contextualização da sigla LGBTI e seus significados. Conceitos que se fizeram necessários diante da dificuldade de iniciar a pesquisa e a obtenção dos dados sem que antes tenham sido esclarecidas todas as vertentes referentes aos gêneros tratados no trabalho. O transexual é o indivíduo que possui uma identidade de gênero diferente do gênero do nascimento e tem o desejo de viver e ser aceito como sendo do sexo oposto. Os depoimentos reforçam estigmas de preconceito, dificuldades de estudo, conseqüentemente de qualificação adequada para concorrência equilibrada no mercado formal. Também se torna evidente a discordância para com o respeito à vivência integral da transgenia.

Os resultados obtidos, para o estudo da causa com enfoque na Administração, revela que a sociedade ainda precisa de amadurecimento nas questões trans. As empresas precisam se preparar, conhecer as minorias e inseri-las em suas atividades profissionais. Por outro lado, os transexuais também devem parar de se esconder, não desistir dos estudos e da procura por um emprego formal por causa da discriminação.

Dessa forma, o relacionamento entre transexuais e empresas será cultivado saudavelmente, amenizando o abismo existente e atuando como peça-chave na luta contra o preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia. **É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder.** Rio de Janeiro/RJ, 2011.

CAZARRE, Marieta. **Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho.** 2015. Disponível em: <<http://www.dmtemdebate.com.br/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de-trabalho/>>

ISAIA, Daniel. **Especialista defende inclusão de transexuais no mercado de T.I.** 2016. Disponível em: <<http://www.dmtemdebate.com.br/especialista-defende-inclusao-de-transexuais-no-mercado-de-ti/>>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline G., ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais.** Rio Grande do Norte, 2013.

LISBOA, Vinícius. **Transfobia é entrave para mercado de trabalho inclusivo.** 2015. Disponível em: <http://www.dmtemdebate.com.br/transfobia-e-entrave-para-mercado-de-trabalho-inclusivo/>

Prefeitura Municipal de Uberaba, 2015. Empresas, Parque Empresarial. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,7454>>

SANTOS, Armando Januário dos, MARTINS, Marco Antônio Matos. **Transgêneros e a mídia: o prazer clandestino na noite versus a inserção no mercado formal de trabalho.** Bahia, 2012.

SENRA, Ricardo. **Conheça transexuais que venceram o preconceito no mercado de trabalho.** 2014. Disponível em:

<<http://www.dmtmdebate.com.br/conheca-transexuais-que-venceram-o-preconceito-no-mercado-de-trabalho>>